

# *O judeu*<sup>1</sup> de Ivan Turguêniev

Fernanda Naomi Kumagai\*

**Resumo:** *Ivan Serguêievitch Turguêniev (1818 – 1883), um dos principais autores russos do século XIX, tem seu ápice com a publicação de Pais e Filhos (1862), considerado, hoje, um dos clássicos da literatura mundial. Escrito por volta de 1846, o conto “O Judeu”, publicado, anonimamente, pela primeira vez na revista O Contemporâneo em 1847; traz a figura do judeu em relação ao russo exemplar, contrapondo aspectos físicos e morais, tendo como protagonista o estereótipo de um judeu sórdido, explorando o antisemitismo existente no Império Russo.*

**Palavras-chave:** *Literatura Russa; Ivan Turguêniev; O Judeu.*

**Abstract:** *One of the most important Russian authors from the 19th century, Ivan Sergeevich Turgenev (1818 – 1883) reaches the greatest point of his career with the publication of Fathers and Sons (1862), which is considered as part of the world literature's classics until today. Published, anonymously, in 1847 on the periodical The Contemporary; in this short story the character of the Jew, an greedy Jewish stereotype, is compared to the ideal Russian man, creating an opposition between their moral and physics characteristics; as well as revealing the antisemitism of the Russian Empire.*

**Keywords:** *Russian Literature: Ivan Turgenev: The Jew.*

...Vamos, conte-nos alguma coisa, coronel – finalmente dissemos a Nikolai Ilitch.

O coronel sorriu, deixou passar um fio de fumaça de tabaco por seu bigode, passou a mão nos cabelos grisalhos, olhou para nós e refletiu. Todos nós

---

1 No original ЖИД (Jid), palavra usada de forma pejorativa para chamar um judeu.

\* Aluna de Língua e Literatura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Email: fernanda.kumagai@usp.br). A tradução do conto *Jid* (O Judeu), de Ivan Turguêniev, foi realizada em nível de Iniciação Científica, sob a orientação do professor doutor Mario Ramos Francisco Junior. (Email: mariofrancisco@usp.br)

gostávamos e respeitávamos muito Nikolai Ilítch por sua benevolência, bom senso e indulgência para “entre nossos jovens irmãos”<sup>2</sup>, sua sinceridade, o olhar sábio, o sorriso dócil, viril e a voz potente; tudo nele era agradável e atrativo.

– Pois, ouçam então – começou ele. – O fato ocorreu no ano de 1813, nos arredores de Danzigue<sup>3</sup>. Naquele tempo eu servia em E... no regimento de couraças e, recordo-me, acabava de ser promovido a alferes de cavalaria. Era uma ocupação divertida, com combates e marchas, coisa boa, mas o destacamento era muito tedioso. Sentávamo-nos outrora, todo o santo dia, em algum leito, sob a tenda, na imundície ou na palha e jogávamos cartas da manhã até à noite. E era contra o tédio que íamos assistir o voo das bombas ou das balas incandescentes. No começo, os franceses nos distraíam com ataques-surpresa, mas logo aquietavam-se. Cavalgar sobre a forragem também aborrecia; em suma, éramos atingidos por tal melancolia, apesar do bramido. Eu, então, acabara de completar dezenove anos; era um rapaz sadio, corado, que pensava apenas em me divertir com os franceses e com... bem, vocês entendem... ia tudo desta maneira. Para me distrair, pus-me a jogar. Uma vez, depois de uma terrível derrota, eu tive sorte, e ao amanhecer (nós jogávamos durante a noite) eu terminei ganhando muito. Extenuado, sonolento, saí para o ar puro e sentei-me no barranco. Era uma linda e silenciosa manhã; longas linhas dos nossos reforços desapareciam na neblina; eu observava tudo e, depois, sentado, comeci a cochilar. Uma tosse cuidadosa me acordou; abri os olhos e avistei diante de mim um judeu de aproximadamente quarenta anos, num *kaftan*<sup>4</sup> cinzento de abas longas, sapatos e de solidéu<sup>5</sup> preto. Este judeu, vulgo Guirchel, volta e meia vagueava pelo nosso acampamento, sugeria-se aos poucos, dava-nos vinho, mantimentos e outras ninharias; ele não era muito grande, meio magro, sarapintado, ruivo, piscava constantemente com seus também ruivos olhinhos, seu nariz era curvo e longo e tossia o tempo todo.

Começou a dar voltas diante de mim e a me cumprimentar humildemente.

– Bem, o que deseja? – perguntei a ele, por fim.

---

2 (N. do A.). Lermontov “Казначейше” (parece referir-se ao “Tambovskaja Kaznatcheicha”, ou “O Tesoureiro de Tambov”, poema narrativo de Mikhail Iúrievitch Lérmontov (1814-1841), poeta romântico russo.

3 Cidade localizada na província de Pomerânia, na Polónia.

4 *Kaftan* é uma vestimenta antiga russa longa, indo até os joelhos e com mangas longas. É, também, um vestuário comum usado por judeus ortodoxos.

5 Solidéu é um pequeno barrete, em forma de calota, usado por bispos, padres e sobretudo judeus, para cobrir o alto da cabeça.

– Ah assim<sup>6</sup>, vim saber se eu não posso fazer alguma coisa para o honrado homem...

– Não preciso de você; vá embora.

– Como queira, como lhe for melhor... Eu pensei que, pode ser, talvez qualquer coisa...

– Estou farto de você; vá, ande.

– Pois bem, pois bem. Com licença honrado senhor, venho felicitar pela vitória no jogo...

– E como você sabe disso?

– Como eu não saberia... Foi um grande prêmio... grande... Oh! Que grande...

Guirchel abriu os dedos e meneou a cabeça.

– Mas qual o sentido – disse eu com irritação –, por que diabos haveria algum dinheiro aqui?

– Oh! Não fales, honrado senhor; ai, ai, não fales assim. O dinheiro é uma coisa boa; sempre é necessário, tudo é possível conseguir com dinheiro, honrado senhor, tudo! Tudo! Dê-lhe somente uma ordem e ele conseguirá tudo para você, vossa honra, tudo! Tudo!

– Chega de mentir, judeu.

– Ai! Ai! – repetiu Guirchel, agitando suas suíças. – Vossa honra não acredita em mim... ai... ai... ai... – O judeu fechou os olhos e lentamente moveu a cabeça para a direita e para a esquerda... – E eu sei em que posso servi-lo, senhor oficial... Sei... Sei mesmo!

O judeu adotou um aspecto muito caricatural.

– Sabe mesmo?

O judeu olhou com medo, depois inclinou-se para mim.

– Uma mulher tão bela, honrado senhor, tão bela!... – Guirchel novamente fechou os olhos e franziu os lábios. – Honrado senhor, dê a ordem... O senhor mesmo vai ver... O que eu vou falar agora e o senhor irá escutar... O senhor não vai acreditar... É melhor ordenar que eu lhe mostre... É isso mesmo, é isso!

Eu fiquei calado e olhei para o judeu.

---

6 No original, o judeu acrescenta *s* no final de algumas palavras para demonstrar respeito pelo interlocutor ou em sinal de auto depreciação; a partícula *-c* é um recurso linguístico muito usado na literatura russa do século XIX para demonstrar respeito ou auto depreciação.

– Pois bem, pois bem; bem, então eu vou mostrar ao senhor... – Aqui Guirchel caiu na risada e de leve me deu umas palmadinhas no ombro, mas, no mesmo instante, deu um pulo, como se tivesse se queimado.

– E então, honrado senhor, um adiantamento?

– Você vai é me enganar ou me apresentar a um espantinho qualquer.

– Ai, ai, o que o senhor está dizendo? – disse o judeu com uma emoção descomunal e agitando os braços. – Como é possível? Mas o senhor... Honrado senhor, então ordene que me deem quinhentas... Quatrocentos e cinquenta vergastadas, – apressadamente ele adicionou... – Mas é o senhor quem manda...

Neste momento, um de meus companheiros levantou da extremidade da tenda e me chamou pelo nome. E eu me levantei com pressa e joguei uma moeda de ouro para o judeu.

– À noite, à noite – murmurou ele, depois, para mim.

Confesso a vocês, senhores, eu fiquei à espera da noite com uma certa impaciência. Neste mesmo dia os franceses fizeram uma diligência; nosso regimento marchou para o ataque. Teve início a noite; todos nós nos sentamos ao redor do fogo... Os soldados fizeram uma papa. Foram conversar. Eu me deitei sobre a burca<sup>7</sup>, bebi chá e ouvi os relatos dos companheiros. Convidaram-me para jogar cartas e eu recusei. Estava inquieto. Aos poucos, os oficiais dispersaram-se pelas tendas; as chamas começaram a se extinguir; os soldados também se retiraram, ou adormeceram por ali mesmo; tudo aquietou-se. Não me levantei. Minha ordenança estava de cócoras diante do fogo e, como se costuma dizer, “pescava”. Mandei-o embora. Logo, todo o acampamento começou a se apaziguar. Passou-se um turno. Substituíram as sentinelas. Eu ainda estava deitado e à espera de algo. Surgiram as estrelas. Caiu a noite. Por muito tempo olhei para a chama que exauria... Enfim, a última luzinha se extinguia. “Enganou-me, o maldito judeu” pensei com irritação e ameacei a levantar-me...

– Honrado senhor... – balbuciou exatamente por sobre o meu ouvido uma voz trêmula.

Eu olhei para trás: era Guirchel. Ele estava muito pálido, gaguejava e balbuciava ligeiramente.

– Poderia ser na sua tenda.

Levantei-me e fui atrás dele. O judeu se encolheu todo e avançou com cuidado pelo capim curto e úmido. Percebi ao lado uma figura imóvel, coberta.

---

7 *Burca* é uma capa de feltro usada no Cáucaso.

O judeu acenou a mão para ela e ela aproximou-se dele. Ele segredou algo a ela, dirigiu-se a mim, acenou com a cabeça algumas vezes e nós três entramos na tenda. É engraçado dizer: eu estava ofegante.

– Aí está, honrado senhor – o judeu sussurrou com esforço – aí está. Ela está com um pouco de medo no momento, teme; mas eu disse a ela que o senhor oficial é uma boa pessoa, formoso... E você, não tenha medo, não tenha medo – continuou ele –, não tenha medo...

A figura coberta não se movia. Eu mesmo estava numa terrível perturbação e não sabia o que dizer. Guirchel também trotava em seu lugar e estendia as mãos de um jeito estranho...

– Você, por sua parte – disse eu a ele –, saia...

Guirchel, como que a contragosto, obedeceu. Aproximei-me da figura coberta e silenciosamente tirei o capuz escuro de sua cabeça. Em Danzigue um fogo ardia: através do tom avermelhado, violento e débil do reflexo do incêndio distante, eu avistei o rosto pálido de uma jovem judia. Sua beleza deixou-me estupefato. Permaneci diante dela e olhei-a em silêncio. Ela não levantou os olhos. Um leve sussurro me obrigou a olhar para trás. Guirchel, com cuidado, mostrava a cabeça por debaixo da extremidade da tenda. Eu, com irritação, acenei com o braço para ele... ele se escondeu.

– Como você se chama? – finalmente, proferi.

– Sara – ela respondeu e, por um instante, brilhou na escuridão um esquilo, com seus grandes e compridos olhos e seus dentes pequenos, lisos, reluzentes.

Eu apanhei duas almofadas de couro, joguei-as na terra e pedi a ela que se sentasse. Ela despiu sua capa e sentou-se. Usava um casaco cossaco curto, com botões entalhados de prata redondos, na abertura frontal e de mangas largas. Uma trança espessa e negra rodeava duas vezes sua pequena cabeça; eu me sentei ao lado dela e tomei sua mão morena e delicada. Ela resistiu um pouco, mas como se tivesse medo de olhar para mim, respirava a custo. Eu admirava seu perfil oriental e com timidez apertei seus trêmulos e frios dedinhos.

– Você sabe russo?

– Sei... Um pouco.

– E gosta dos russos?

– Sim, gosto.

– Então você também gosta de mim?

– Gosto do senhor.

Eu fiz menção de abraçá-la, mas ela ágil, afastou-se.

– Não, não, por favor, senhor, por favor.

– Pois bem, então ao menos olhe para mim.

Ela fixou em mim seus olhos pretos, penetrantes, e no mesmo instante virou-se com um sorriso e enrubesceu.

Eu beijei a sua mão com ardor. Ela me olhou de soslaio e riu baixinho.

– O que foi?

Escondeu o rosto com as mãos e riu ainda mais do que antes. Guirchel apareceu junto à entrada da tenda e ameaçou-a. Ela se calou.

– Já pra fora! – sussurrei para ele entre dentes – Estou farto de você.

Guirchel não se retirou.

Eu tirei da mala um punhado de moedas de ouro, enfiei-as em sua mão e expulsei-o dali.

– Senhor, dê para mim também... – proferiu ela. Eu larguei algumas moedas de ouro em seus joelhos; ela as pegou agilmente, como uma gata.

– Bem, agora eu vou te dar um beijo.

– Não, por favor, por favor – ela balbuciou assustada e com um ar suplicante na voz.

– De que você tem medo?

– Tenho medo.

– Basta disso...

– Não, por favor...

Ela me olhou com timidez, baixou a cabeça um pouquinho de lado e cruzou os braços. Eu a deixei em paz.

– Caso queira... Aqui está, – ela disse depois de um certo silêncio e levou sua mão até os meus lábios.

Eu beijei a mão sem muita disposição. Sara novamente desatou a rir.

O sangue me sufocava. Eu me afligia e não sabia o que fazer. No entanto, pensei finalmente, mas que tolo sou eu?

Novamente eu me voltei para ela.

– Sara, ouça, eu estou apaixonado por você.

– Eu sei.

– Sabe? E não se zanga? E me ama também?

Sara meneou a cabeça.

– Não, responda-me como deve ser.

– Vamos, deixe-me vê-lo – disse ela.

Eu me inclinei para ela. Sara colocou a mão no meu ombro, começou a examinar o meu rosto, franzia o cenho, sorria... Eu não resisti e dei-lhe um beijo na bochecha. Ela saltou e num pulo foi parar na entrada da tenda.

– Ora, como você é tímida!

Ela estava calada e não saía do lugar.

– Venha até mim...

– Não, senhor, adeus. Até outra vez.

Guirchel novamente mostrou a sua cabecinha encaracolada, disse duas palavras para ela; ela se inclinou e se esquivou, como uma serpente. Eu saí correndo da tenda atrás dela, mas não a vi, nem Guirchel.

Durante toda a noite eu não pude adormecer.

Na manhã seguinte nós ficamos na tenda com nosso capitão de cavalaria; eu jogava, mas sem vontade. Entrou a minha ordenança.

– Perguntam pelo senhor, honrado senhor.

– Quem está perguntando sobre mim?

– Um judeu está perguntando.

“Será que é Guirchel!” eu pensei. Esperei o fim do jogo, ergui-me e saí. De fato, avistei Guirchel.

– E então – ele me perguntou com um sorriso agradável – honrado senhor, está satisfeito?

– Ah você!... (Aqui o coronel espiou ao redor.) Parece que não há nenhuma dama... Aliás, não faz diferença. Ah você, meu caro, – eu respondi a ele – Mas você está se divertindo comigo, então?

– E como foi?

– Como foi? Você ainda pergunta?

– Ai, ai, senhor oficial, mas como é o senhor – disse Guirchel com uma reprimenda, mas não parou de sorrir. – Uma moça jovem, simples... O senhor assustou-a, assustou mesmo.

– Mas que modéstia! E o dinheiro, então, por que ela pegou?

– Mas que dúvida? Se dão dinheiro, por que não pegar?

– Ouça, Guirchel, que ela venha outra vez, não vou te ofender... Só que você, por favor, não apareça com a sua cara tola na minha tenda e nos deixe em paz; está ouvindo?

Os olhinhos de Guirchel cintilaram.

– E então? Ela vos agrada?

– Bem, agrada-me.

– É uma beleza! Não há mulheres tão belas em nenhum lugar. E um dinheiro para mim, daria agora?

– Tome, mas escute: a palavra dada vale mais do que o dinheiro. Traga-a, e que o diabo te carregue. Eu mesmo a levarei para casa.

– É impossível, não há como, é absolutamente impossível – retrucou imediatamente o judeu. – Ai, Ai, é absolutamente impossível. Eu, pode ser, vou andar por perto da tenda, honrado senhor; eu, eu, honrado senhor, vou me afastar, pode ser, um pouquinho... Pois bem? Eu me afastarei.

– Pois bem, veja bem... Traga-a, estás ouvindo?

– É realmente uma bela mulher? Senhor oficial, hein? Honrado senhor? Bela mulher? Hein?

Guirchel se inclinava e me olhava nos olhos.

– Ela é bela.

– Pois bem, então me dê mais uma moedinha de ouro...

Eu joguei para ele uma moeda de ouro; separamo-nos.

Enfim, o dia passou. Caiu a noite. Eu fiquei sozinho por muito tempo na minha tenda. No pátio estava um pouco claro. Na cidade soaram as duas horas. Eu já começava a xingar o judeu... De repente, Sara entrou, sozinha. Ergui-me de um salto, abracei-a... Com os lábios toquei o seu rosto... Estava frio como gelo. Eu mal podia distinguir seus traços... Eu a fiz sentar-se, ajoelhei-me diante dela, peguei as suas mãos, toquei o seu corpo... Ela estava calada, não se movia, e de repente, desfez-se num pranto ruidoso, numa convulsão. Eu me esforçava inutilmente em tranquilizá-la, acalmá-la... Ela soluçava... Eu a acariciava, enxugava as suas lágrimas; ela não se opunha como antes, não respondia às minhas interrogações e chorava, chorava aos prantos. Meu coração deu reviravoltas; eu me levantei e saí da tenda.

Guirchel surgiu da terra, exatamente na minha frente.

– Guirchel, – disse para ele – eis o seu dinheiro prometido. Leve Sara.

O judeu imediatamente lançou-se para ela. Ela parou de chorar e se agarrou a ele.



– Perdoe-me, Sara – Eu disse a ela. – Deus esteja com você, perdoe-me. Algum dia nos encontraremos, num outro momento.

Guirchel estava calado e me cumprimentou. Sara se inclinou, pegou a minha mão, apertou-a contra os lábios; eu a recolhi...

Durante cinco ou seis dias, senhores, eu pensava o tempo todo na minha judia. Guirchel não apareceu, e ninguém o viu no acampamento. À noite dormi muito mal: parecia-me que tudo o que eu via eram os negros olhos úmidos, os longos cílios; meus lábios não podiam esquecer o toque na bochecha, lisa e fresca, como casca de ameixa. Mandaram-me com o pelotão para a forragem num vilarejo distante. Enquanto meus soldados vasculhavam pelas casas, eu permaneci na rua e não desci do cavalo. De repente, alguém me agarrou pela perna.

– Meu Deus, Sara!

Ela estava pálida e perturbada.

– Senhor oficial, senhor... Ajude, salve-nos: os soldados nos ofendem... Senhor oficial... Ela me reconheceu e corou.

– Mas você mora aqui mesmo?

– Aqui.

– Onde?

Sara apontou-me uma casa pequena e antiga. Eu esporeei o cavalo e ele começou a galopar. No quintal da casa, uma judia feia e despenteada esforçava-se para arrancar três galinhas e um pato das mãos do meu alto furriel Siliavka. Ele erguia sua presa acima da cabeça e ria; as galinhas cacarejavam, o pato grasnava... Outros dois couraceiros a cavalo carregavam seus sacos de farinha, feno e palha. Na mesma casa ouviam-se exclamações e palavrões num dialeto<sup>8</sup>... Eu dei um grito para os meus, ordenando-os que deixassem os judeus em paz, que não tomassem nada deles. Os soldados obedeceram; o furriel sentou na sua égua baía Prozerpina, ou, como ele a chamava, “Projerpila”, e saiu atrás de mim para a rua.

– Pois bem, – disse a Sara – satisfeita com a minha ajuda?

Com um sorriso, ela olhou para mim.

– Por onde você andou por esse tempo?

Ela baixou os olhos.

– Amanhã irei até o senhor.

---

8 No original малоросси́йски, trata-se de um dialeto do russo de uma região que abarca províncias importantes da atual Ucrânia.

- À noite?
- Não, senhor, de manhã.
- Preste atenção, não vá me enganar.
- Não... Não, não o enganarei.

Olhei avidamente para ela. À luz do dia ela me pareceu mais bela. Lembrome que fiquei surpreso com a sua tez pálida e de âmbar e o seu cabelo negro-azulado... Debrucei-me sobre o cavalo e apertei com força a sua pequena mão.

- Adeus, Sara... Olhe, venha então.
- Irei.

Ela foi para casa; ordenei que o sargento me acompanhasse com o destacamento, e parti a galope.

No outro dia levantei-me bem cedo, vesti-me e saí da tenda. A aurora era maravilhosa; naquele instante o sol despontava, e em cada haste de erva reluzia uma púrpura úmida. Subi no alto parapeito e me sentei na borda. Abaixo de mim, um canhão espesso de ferro fundido, mostrava do chão sua boca negra. Distraído, eu olhava para todos os lados... Subitamente avistei, a cem passos, uma figura contraída em um *kaftan* cinza. Reconheci Guirchel. Ele ficou imóvel por muito tempo no mesmo lugar, depois, de repente, correu um pouco para o lado, com pressa e com medo, olhando para trás... Soltou um grito, sentou-se, esticou o pescoço com cuidado e começou novamente a olhar ao redor e pôs-se à escuta. Eu via com muita clareza todos os seus movimentos. Ele passou a mão pelo peito, tirou um pedaço de papel, um lápis e começou a escrever ou desenhar alguma coisa. Guirchel constantemente parava, estremeia como uma lebre, examinava com atenção os arredores, como se copiasse nosso acampamento. Mais de uma vez ele escondeu seu pedaço de papel, apertou os olhos, farejou o ar e novamente começou a trabalhar. Por fim, o judeu sentou-se na grama, tirou os sapatos, preencheu um pedaço de papel; porém, não teve tempo de endireitar-se; de repente, a dez passos dele, do outro lado do talude da encosta, surgia a cabeça bigoduda do furriel Siliavka e, aos poucos, soergueu-se da terra todo o corpo longo e desajeitado do judeu. O judeu estava de costas para ele. Siliavka aproximou-se com agilidade e colocou a sua pesada garra em seus ombros. Guirchel contraiu-se. Tremeu como uma folha e soltou um grito doentio, como uma lebre. Siliavka, ameaçador, começou a falar com ele, agarrando-o pelo colarinho. Eu não podia ouvir sua conversa, mas pelos movimentos desesperados do judeu, por seu ar suplicante, comecei a adivinhar, do que se tratava. O judeu atirou-se duas vezes aos pés do furriel, enfiou a mão no bolso, tirou um lenço xadrez e rasgado, desatou

um nó e tirou uma moeda de ouro... Siliavka, com ar de importância, aceitou o presente, mas não deixou de arrastar o judeu pelo colarinho. Guirchel soltou-se e disparou para um lado; o furriel foi em seu encaixe. O judeu corria com enorme agilidade; seus pés, calçados em meias azuis, apareciam e desapareciam de fato com muita rapidez; mas Siliavka depois de duas ou três “agarradelas”, capturou o judeu que estava de cócoras, ergueu-o e levou-o em seus braços direto para o acampamento. Levantei-me e fui ao encontro dele.

– Ah! Honrado senhor! – começou a gritar Siliavka – trago um infiltrado para o senhor, um infiltrado!.. – O suor escorria do forte pequeno russo<sup>9</sup>. – Mas pare de se remexer, judeu do diabo! Agora, então... Vamos lá! Ora, não o estou esmagando, olhe!

O infeliz Guirchel apoiava-se debilmente com os cotovelos no peito de Siliavka, e balançava as pernas com fraqueza... Seus olhos rodavam em convulsão...

– O que é isso? – perguntei a Siliavka.

– Pois bem, honrado senhor: queira despir o sapato do pé direito dele, – eu fiquei desconcertado. Ele ainda segurava o judeu em seus braços.

Eu despi o seu sapato, tirei o pedaço de papel cuidadosamente dobrado, desdobrei-o e vi um desenho detalhado do nosso acampamento. Sobre as áreas havia uma grande quantidade de notas, escritas em letras miúdas, em língua judaica.

Enquanto isso, Siliavka colocou Guirchel de pé. O judeu arregalou os olhos, viu-me e atirou-se de joelhos diante de mim.

Em silêncio, mostrei-lhe o pedaço de papel.

– O que é isso?

– Isso é, assim, senhor oficial. Eu... Assim... Bem... – A sua voz interrompeu-se.

– És um infiltrado<sup>10</sup>?

Ele não me entendeu, balbuciava palavras incoerentes, tremendo, tocava nos meus joelhos...

– És um espião?

---

9 No original моролоц, expressão que refere-se a uma região do Império Russo que abarca alguns territórios da Ucrânia.

10 No original лазутчик (lazutchnik), ou seja, “espião”: a tradução por “infiltrado” mantém a incompreensão do judeu em relação ao termo; o termo шпион (chpion), que também significa espião, foi traduzido como tal, mantendo a diferença que há no original.

– Ai! – Ele soltou um grito fraco e balançou a cabeça. – Como seria possível? Eu, nunca, de jeito nenhum. Não é possível, não há como. Estou disposto... Eu, agora. Eu vou dar dinheiro... Vou pagar... – sussurrou e fechou os olhos.

O solidéu moveu-se de seu pescoço; os cabelos ruivos e úmidos de suor frio pendiam em fiapos, os lábios tornaram-se azuis e crispavam-se convulsivamente, as sobrancelhas apertavam-se, doentias, o rosto se encolheu...

Os soldados cercaram-nos. A princípio eu queria muito intimidar Guirchel e ordenar que Siliavka se calasse, mas agora o assunto tornara-se público e não poderia escapar da “junta de autoridades”.

– Leve-o para o general, – disse eu para o furriel.

– Senhor oficial, honrado senhor! – o judeu começou a gritar com a voz desesperada, – não sou culpado; não sou... Mande que me soltem, mande...

– Sua excelência vai analisar – proferiu Siliavka. – Vamos.

– Honrado senhor! – o judeu começou a gritar para mim – Ordene! Tenha piedade!

Seu apelo me atormentou. Redobrei os passos.

Nosso general era um homem de origem alemã, íntegro e bondoso, mas um executor severo ao conduzir os seus serviços. Entrei em sua pequena casa, construída às pressas, e em poucas palavras expliquei o motivo de minha visita. Eu conhecia todo o rigor das resoluções militares e por isso não pronunciei a palavra “infiltrado”, mas, sim, esforcei-me apresentar todo o acontecimento como insignificante e não merecedor de atenção. Porém, para a desgraça de Guirchel, o general sempre pôs o cumprimento da obrigação acima da compaixão.

– O senhor, rapaz – disse para mim – é inexperiente. O senhor ainda é inexperiente no ofício de militar. O assunto, sobre o qual (o general gostava muito da palavra “qual”) o senhor me informou é sério, muito sério... Onde está essa pessoa que foi capturada? Esse judeu<sup>11</sup>? Onde está?

Eu saí da tenda e ordenei que trouxessem o judeu.

Trouxeram o judeu. O infeliz mal ficava de pé.

– Sim – proferiu o general, dirigindo-se a mim – e onde está o plano encontrado com este homem?

Entreguei para ele o pedaço de papel. O general desdobrou-o, recuou, apertou os olhos, franziu o cenho.

---

11 No original o general utiliza еврей, que pode ser traduzido como judeu ou hebreu.

– Isso é sur-pre-en-den-te... – disse ele, pausadamente. – Quem o prendeu?

– Eu, vossa excelência! – soltou Siliavka com nitidez.

– Ah! Bom! Bom!.. Vamos, meu caro, o que você tem a dizer para se justificar?

– Vos... vos... vossa excelência – balbuciou Guirchel, – Eu... Tenha piedade... Vossa excelência... Não sou culpado... Pergunte, vossa excelência, para o senhor oficial... Sou um feitor, vossa excelência, um honesto feitor.

– Ele deve ser interrogado – disse o general a meia voz, balançando a cabeça com imponência. – Vamos, como você fez isso, amigo?

– Não sou culpado, vossa excelência, não sou culpado.

– É impossível acreditar nisso. Você, como se diz em russo, foi pego mercadamente, no flagra!

– Permita-me dizer, vossa excelência: eu não sou culpado.

– Você desenhou o plano? É um espião inimigo?

– Não sou! – Guirchel soltou um grito repentino – Não sou, vossa excelência! O general olhou para Siliavka.

– Mas ele mente, vossa excelência. O próprio senhor oficial tirou do sapato dele a carta.

O general olhou para mim. Fui forçado a acenar com a cabeça.

– Você, meu caro, é um inimigo infiltrado... Meu caro...

– Eu não... Eu não... – murmurou o judeu desconcertado.

– Você já levou alguma informação deste tipo para o inimigo antes? Confesse...

– Como seria possível?

– Você, meu caro, não vai me enganar. Você é um infiltrado?

O judeu fechou os olhos, balançou a cabeça e segurou a aba de seu *kaftan*.

– Enforque-o – disse o general de um modo expressivo, depois de um certo silêncio – conforme as leis. Onde está o senhor Fiódor Schlikelman?

Correram atrás de Schlikelman, com o ajudante do general. Guirchel empalideceu, abriu a boca, esbugalhou os olhos. Chegou o ajudante. O general deu a ele as devidas ordens. O escrivão exibiu no mesmo momento seu rosto magro e bexiguento. Dois ou três oficiais curiosos espiaram para dentro do cômodo.

– Tenha piedade, vossa excelência – disse eu ao general em alemão, do jeito que pude – solte-o...

– O senhor, rapaz – respondeu-me em russo – eu lhe disse, é inexperiente, portanto, peço-lhe que permaneça em silêncio e não me aborreça mais.

Guirchel caiu, num apelo, aos pés do general.

– Vossa excelência, perdão, não sigamos, não vamos, vossa excelência, eu tenho esposa... Vossa excelência, tenho filha... Perdão...

– O que se há de fazer!

– Culpado, vossa excelência, sou de fato culpado... Foi a primeira vez, vossa excelência, a primeira vez, acredite!

– Você não entregou outros documentos?

– Foi a primeira vez, vossa excelência... Esposa... Filhos... Perdão...

– Mas você é um espião.

– Esposa... Vossa excelência... Filhos...

O general estava desgostoso, mas não havia nada a fazer.

– Conforme as leis, enforque o judeu – disse numa voz arrastada e com ar de pessoa constrangida, sacrificando a contra gosto seus melhores sentimentos por um dever inexorável. – Enforque-o! Fiódor Karlich, peço-lhe para escrever um relatório sobre essa ocorrência, a qual...

De repente, uma mudança espantosa ocorreu em Guirchel. Em lugar do habitual susto alarmado, próprio da natureza judaica, em seu rosto transparecia uma terrível, agônica melancolia. Ele estava agitado como um animalzinho capturado, abriu a boca, enrouqueceu de modo surdo, até mesmo saltitava no mesmo lugar, agitando convulsivamente os cotovelos. Estava apenas com um sapato; esquecera de calçar o outro... Seu kaftan se abriu... O solidéu caiu.

Todos nós nos sobressaltamos; o general calou-se.

– Vossa excelência – comecei novamente – Perdoe este infeliz.

– É impossível. Quem governa é a lei. – retrucou o general com voz entrecortada, e não sem emoção – é um exemplo para os outros.

– Pelo amor de Deus...

– Senhor alferes da cavalaria, queira dirigir-se para o seu posto – disse o general e indicou-me imperiosamente a porta com a mão.

Fiz uma reverência e saí. Mas já que eu não tinha um posto, de fato, em lugar algum, detive-me próximo da pequena casa do general.

Cerca de dois minutos depois, Guirchel apareceu acompanhado por Siliavka e três soldados. O pobre judeu estava em torpor e movia-se com dificuldade.

Siliavka passou pelo acampamento sem me notar e logo retornou com uma corda nas mãos. Em seu rosto rude, mas sem sinal de raiva, transparecia uma piedade estranha, bruta. À vista da corda, o judeu agitou as mãos, sentou-se e desfez-se em prantos. Em silêncio, os soldados ficaram perto dele e olhavam a terra de um jeito lúgubre. Aproximei-me de Guirchel e comecei a falar com ele; ele soluçava como uma criança, e nem sequer olhou para mim. Acenei, fui para a minha tenda, atirei-me sobre o tapete e fechei os olhos...

De repente, alguém entrou correndo de um modo abrupto, fazendo barulho em minha tenda. Levantei a cabeça e vi Sara; o seu rosto não era o mesmo. Ela atirou-se sobre mim e agarrou-me a mão.

– Vamos, vamos, vamos – ela repetia com a voz sufocada.

– Para onde? Para quê? Vamos ficar aqui.

– Até o meu pai, para o pai, rápido... Salve-o... Salve-o!

– Que pai?...

– O meu pai; querem enforcá-lo...

– Como! Será que Guirchel é...

– Meu pai... Explicarei tudo para você depois – ela acrescentou, desesperada torcendo as mãos – Apenas vamos... Vamos...

Nós saímos correndo da tenda para lá. No campo, no caminho para a bétula solitária, avistava-se um grupo de soldados... Em silêncio, Sara apontou com o dedo...

– Pare – eu disse subitamente – Para onde iremos? Os soldados não vão me obedecer.

Sara continuava a arrastar-me atrás dela... Confesso que minha cabeça girava.

– Ouça-me, Sara – disse eu a ela – qual o sentido de corrermos para lá? É melhor eu ir novamente até o general; vamos juntos; talvez, consigamos convencê-lo.

De repente, Sara deteve-se e como uma louca, olhou para mim.

– Veja se me compreende, Sara, pelo amor de Deus. Eu não posso perdoar o seu pai, mas o general pode. Vamos até ele.

– Mas agora vão enforcá-lo – ela gemeu...

Olhei ao redor. O escrivão não estava longe.

– Ivanov – gritei a ele – desça, por favor, vá lá até eles: mande-os esperar, diga que fui ter com o general.

– Às ordens...

Ivanov pôs-se a correr.

Não permitiram que entrássemos para ter com o general. Inutilmente, pedi, persuadi, por fim até xinguei... Inutilmente, a pobre Sara arrancava os cabelos e atirou-se sobre os sentinelas: não nos deixaram passar.

Sara, descontrolada olhou ao redor, agarrou a cabeça com ambas as mãos e, apressada, correu pelo campo até o seu pai. Fui atrás dela. Olhavam-nos, perplexos...

Aproximamo-nos dos soldados. Eles estavam em um círculo e imaginem, senhores!, caçoavam, caçoavam do pobre Guirchel! Irrumpi e gritei com eles. O judeu viu-nos e lançou-se nos braços da filha. Sara agarrou-se a ele convulsivamente.

O pobre coitado imaginou que haviam-no perdoado... Ele já começava a me agradecer... Dei-lhe as costas.

– Honrado senhor – começou a gritar e apertou as mãos – Eu não fui perdoado?

Calei-me.

– Não?

– Não.

– Honrado senhor – começou a murmurar – olhe, honrado senhor, olhe... Veja só ela, ela é uma moça sabe, ela é minha filha.

– Sei – respondi e virei-me novamente.

– Honrado senhor – começou a gritar – Não me afastei da tenda! Por nada... – ele deteve-se e fechou os olhos por um instante... – Queria o vosso dinheiro, honrado senhor, é preciso confessar, o dinheiro... Mas por nada...

Eu fiquei calado. Para mim, Guirchel era sórdido e ela era a sua cúmplice...

– Mas agora, se o senhor salvar-me – disse o judeu em voz baixa – Vou mandar - Eu... compreende?... Tudo... Eu farei de tudo...

Ele tremia como uma folha, e às pressas olhava ao redor. Sara abraçava-o em silêncio e com paixão.

O ajudante aproximou-se de nós.

– Senhor alferes de cavalaria – disse a mim – Sua excelência mandou prender o senhor. E você... – Em silêncio ele indicou o judeu para os soldados... – agora...

Siliavka aproximou-se do judeu.

– Fiódor Karlich – disse ao ajudante (cinco soldados chegaram com ele) – mande ao menos levar essa pobre moça...



– Certamente. Concordo.

A infeliz mal respirava. Guirchel resmungava em seu ouvido em ídiche...

Os soldados tiraram Sara com dificuldade do abraço do pai e levaram-na com cuidado por cerca de vinte passos de distância. Mas, de repente, ela escapou de suas mãos e correu até Guirchel... Siliavka a conteve. Sara empurrou-o, seu rosto cobriu-se de um leve rubor, os olhos tornaram-se brilhantes, e ela estendeu os braços.

– Vocês, assim, serão condenados – começou a gritar em alemão – condenados, triplamente condenados, vocês e todas as suas gerações abomináveis, com a maldição de Datã e Abirão<sup>12</sup>, com a maldição da pobreza, da infertilidade e da violência, com uma morte vergonhosa! Que a terra se abra sobre os seus pés, hereges, cães sanguinários...

A sua cabeça pendeu para trás... ela caiu sobre terra... ergueram-na e levaram-na.

Os soldados tomaram Guirchel pelos braços. Então compreendi porque caçoavam do judeu quando eu e Sara chegamos correndo do acampamento. Ele estava ridículo de fato, a despeito de toda sua horrível situação. A cruel tristeza da separação da vida, da filha, da família, expressavam-se no infeliz judeu de forma estranha, em gestos disformes, em clamores, saltos, de tal modo que todos nós sorriamos involuntariamente embora fosse terrível e estivéssemos muito horrorizados. O pobre estacou de medo...

– Ai, ai, ai! – ele gritava – ai... Espere! Eu vou contar, vou contar muitas coisas. Senhor sub-furriel, o senhor me conhece. Sou um feitor, um feitor honesto. Não me prenda; espere mais um minuto, um minutinho, espere um insignificante minutinho! Deixe-me ir: sou um pobre judeu. Sara... Onde está Sara? Ah, eu sei! Ela foi até a tenda do tenente (sabe lá deus por que ele atribuiu a mim tamanha patente sem precedentes). Senhor, o alojamento do tenente! Não me afastei da tenda. (Os soldados detiveram Guirchel por um instante... ele soltou um grito estrondoso e esgueirou-se das mãos deles.) Vossa excelência, perdoe um infeliz pai de família! Darei dez moedas de ouro, quinze, vossa excelência!.. (Arrastaram-no para a bétula.) Perdoe! Tenha piedade! Senhor a tenda do tenente! Senhor conde! Senhor, general subalterno e chefe comandante!

Colocaram no judeu um laço... Fechei os olhos e corri.

---

12 Os irmãos Datã e Abirão rebelaram-se contra Moisés, como castigo foram engolidos por uma fenda que se abriu na terra abaixo deles. Antigo testamento, Livro de Números, 16.

Passei duas semanas preso. Disseram-me que a viúva do infeliz Guirchel viera atrás das vestimentas do falecido. O general ordenou que entregassem cem rublos a ela. Não vi mais Sara. Fui ferido; enviaram-me para o hospital e, quando recobrei a saúde, Danzigue já se rendera, e alcancei o meu regimento até as margens do Reno.

## ЖИД

...Расскажите-ка вы нам что-нибудь, полковник,-- сказали мы наконец Николаю Ильичу.

Полковник улыбнулся, пропустил струю табачного дыма сквозь усы, провел рукою по седым волосам, посмотрел на нас и задумался. Мы все чрезвычайно любили и уважали Николая Ильича за его доброту, здравый смысл и снисходительность к нашей братье молодежи. Он был высокого роста, плечист и дороден; его смуглое лицо, “одно из славных русских лиц” {Лермонтов в “Казначейше”. (Прим. автора.)}, прямодушный, умный взгляд, кроткая улыбка, мужественный и звучный голос-все в нем нравилось и привлекало.

– Ну, слушайте ж,-- начал он. Дело было в тринадцатом году, под Данцигом. Я служил тогда в Е -- м кирасирском полку и, помнится, только что был произведен в корнеты. Веселое занятие -- сраженья, и походы -- хорошая вещь, но в осадном корпусе очень скучно было. Сидишь себе, бывало, целый божий день в каком-нибудь ложементе, под палаткой, на грязи или соломе, да играешь в карты с утра до вечера. Разве от скуки пойдешь посмотреть, как летают бомбы или каленые ядра. Сначала французы нас тешили вылазками, да скоро притихли. Ездить на фуражировку тоже надоело; словом, тоска напала на нас такая, что хоть вой. Мне всего тогда пошел девятнадцатый год; малый был я здоровый, кровь с молоком, думал потешиться и насчет француза и насчет того... ну, понимаете... а вышло-то вот что. От нечего делать пустился я играть. Как-то раз, после страшного проигрыша, мне повезло, и к утру (мы играли ночью) я был в сильном выигрыше. Измученный, сонный, вышел я на свежий воздух и присел на гласис. Утро было прекрасное, тихое; длинные линии наших укреплений терялись в тумане; я загляделся, а потом и задремал сидя. Осторожный кашель разбудил меня; я открыл глаза и увидел перед собою жида лет сорока, в долгополом сером кафтане, башмаках и черной ермолке. Этот жид, по прозвищу Гиршель, то и дело таскался в наш лагерь, запрашивался в факторы, доставал нам вина, съестных припасов и прочих

безделок; росту был он небольшого, худенький, рябой, рыжий, беспрестанно моргал крошечными, тоже рыжими глазками, нос имел кривой и длинный и все покашливал.

Он начал вертеться передо мной и униженно кланяться.

-- Ну, что тебе надобно?--спросил я его наконец.

-- А так-с, пришел узнать-с, что не могу ли их благородию чем-нибудь-с...

-- Не нужен ты мне; ступай.

-- Как прикажете-с, как угодно-с... Я думал, что, может быть-с, чем-нибудь-с...

-- Ты мне надоел; ступай, говорят тебе.

-- Извольте, извольте-с. А позвольте их благородие поздравить с выигрышем...

-- А ты почему знаешь?

-- Уж как мне не знать-с... Большой выигрыш... большой... У! какой большой...

Гиршель растопырил пальцы и покачал головой.

-- Да что толку,-- сказал я с досадой,-- на какой дьявол здесь и деньги?

-- О! не говорите, ваше благородие; ай, ай, не говорите такое. Деньги -- хорошая вещь; всегда нужны, все можно за деньги достать, ваше благородие, все! все! Прикажите только фактору, он вам все достанет, ваше благородие, все! все!

-- Полно врать, жид.

-- Ай! ай!-- повторил Гиршель, встряхивая пейсиками.-- Их благородие мне не верит... ай... ай... ай!-- Жид закрыл глаза и медленно покачал головою направо и налево.-- А я знаю, что господину офицеру угодно... знаю... уж я знаю!

Жид принял весьма плутовской вид...

-- В самом деле?

Жид взглянул боязливо, потом нагнулся ко мне.

-- Такая красавица, ваше благородие, такая!-- Гиршель опять закрыл глаза и вытянул губы. Ваше благородие, прикажите... увидите сами... что теперь я буду говорить, вы будете слушать... вы не будете верить... а лучше прикажите показать... вот как, вот что!

Я молчал и глядел на жида.

-- Ну, так хорошо; ну, вот хорошо; ну, вот я вам покажу...-- Тут Гиршель засмеялся и слегка потрепал меня по плечу, но тотчас же отскочил, как обожженный.

-- А что ж, ваше благородие, задаточек?

-- Да ты обманешь меня или покажешь мне какое-нибудь чучело.

-- Ай, ван, что вы такое говорите? -- проговорил жид с необыкновенным жаром и размахивая руками.-- Как можно? Да вы... ваше благородие, прикажите тогда дать мне пятьсот... четыреста пятьдесят палок,-- прибавил он поспешно...-- Да вы прикажите...

В это время один из моих товарищей приподнял край палатки и назвал меня по имени. Я поспешно встал и бросил жиду червонец.

-- Вечером, вечером,-- пробормотал он мне вслеп.

Признаюсь вам, господа, я дожидался вечера с некоторым нетерпением. В этот самый день французы сделали вылазку; наш полк ходил в атаку. Наступил вечер; мы все уселись вокруг огня... солдаты заварили кашу. Пошли толки. Я лежал на бурке, пил чай и слушал рассказы товарищей. Мне предложили играть в карты,-- я отказался. Я был в волнении. Понемногу офицеры разошлись по палаткам; огни стали гаснуть; солдаты также разбрелись или заснули тут же; все затихло. Я не вставал. Денщик мой сидел на корточках перед огнем и, как говорится, «удил рыбу». Я прогнал его. Скоро весь лагерь утих. Прошла рунда. Сменили часовых. Я все лежал и ждал чего-то. Звезды выступили. Настала ночь. Долго глядел я на замиравшее пламя... последний огонек потух наконец. «Обманул меня проклятый жид»,-- подумал я с досадой и хотел было приподняться...

-- Ваше благородие...-- пролепетал над самым моим ухом трепетный голос.

Я оглянулся: Гиршель. Он был очень бледен, заикался и пришепetyвал:

-- Пожалуйте-с в вашу палатку-с.

Я встал и пошел за ним. Жид весь съежился и осторожно выступал по короткой сырой траве. Я заметил в стороне неподвижную, закутанную фигуру. Жид махнул ей рукой -- она подошла к нему. Он с ней пошептался, обратился ко мне,-- несколько раз кивнул головой, и мы все трое вошли в палатку. Смешно сказать: я задыхался.

-- Вот, ваше благородие,-- прошептал с усилием жид,-- вот. Она немножко боится теперь, она боится; но я ей сказал, что господин офицер

хороший человек, прекрасный... А ты не бойся, не бойся,-- продолжал он,-- не бойся...

Закутанная фигура не шевелилась. Я сам был в страшном смущении и не знал, что сказать. Гиршель тоже семенил на месте, как-то странно разводил руками...

-- Однако,-- сказал я ему,-- выдь-ка ты вон...

Гиршель как будто нехотя повиновался. Я подошел к закутанной фигуре и тихо снял с ее головы темный капюшон. В Данциге горело: при красноватом, по рывистом и слабом отблеске далекого пожара увидел я бледное лицо молодой жидовки. Ее красота меня поразила. Я стоял перед ней и смотрел на нее молча. Она не поднимала глаз. Легкий шорох заставил меня оглянуться. Гиршель осторожно высовывал голову из-под края палатки. Я с досадой махнул ему рукой... он скрылся.

-- Как тебя зовут? -- промолвил я наконец.

-- Сара,-- отвечала она, и в одно мгновение сверкнули во мраке белки ее больших и длинных глаз и маленькие, ровные, блестящие зубки.

Я схватил две кожаные подушки, бросил их на землю и попросил ее сесть. Она скинула свой плащ и села. На ней был короткий, спереди раскрытый казакин с серебряными круглыми резными пуговицами и широкими рукавами. Густая черная коса два раза обвивала ее небольшую головку; я сел подле нее и взял ее смуглую, тонкую руку. Она немного противилась, но как будто боялась глядеть на меня и неровно дышала. Я любовался ее восточным профилем -- и робко пожимал ее дрожащие, холодные пальцы.

-- Ты умеешь по-русски?

-- Умею... немного.

-- И любишь русских?

-- Да, люблю.

-- Стало быть, ты меня тоже любишь?

-- И вас люблю.

Я хотел было обнять ее, но она проворно отодвинулась...

-- Нет, нет, пожалуйста, господин, пожалуйста.

-- Ну, так посмотри на меня по крайней мере.

Она остановила на мне свои черные, пронзительные глаза и тотчас же с улыбкой отвернулась и покраснела.

Я с жаром поцеловал ее руку. Она посмотрела на меня исподлобья и тихонько засмеялась.

-- Чему ты?

Она закрыла лицо рукавом и засмеялась пуще прежнего. Гиршель появился у входа палатки и погрозил ей. Она замолчала.

-- Пошел вон!-- прошептал я ему сквозь зубы.-- Ты мне надоел.

Гиршель не выходил.

Я достал из чемодана горсть червонцев, сунул их ему в руку и вытолкал его вон.

-- Господин, дай и мне...-- проговорила она. Я ей кинул несколько червонцев на колени; она подхватила их проворно, как кошка.

-- Ну, теперь я тебя поцелую.

-- Нет, пожалуйста, пожалуйста,-- пролепетала она испуганным и умоляющим голосом.

-- Чего ж ты боишься?

-- Боюсь.

-- Да полно...

-- Нет, пожалуйста.

Она робко посмотрела на меня, нагнула голову немножко набок и сложила руки. Я оставил ее в покое.

-- Если хочешь... вот,-- сказала она после некоторого молчания и поднесла свою руку к моим губам.

Я не совсем охотно поцеловал ее. Сара опять рассмеялась.

Кровь меня душила. Я досадовал на себя и не знал, что делать. Однако, подумал я наконец, что я за дурак?

Я опять оборотился к ней.

-- Сара, послушай, я влюблен в тебя.

-- Я знаю.

-- Знаешь? И не сердись? И сама меня любишь?

Сара покачала головой.

-- Нет, отвечай мне как следует.

-- А покажите-ка себя,-- сказала она.

Я нагнулся к ней. Сара положила руки ко мне на плечи, начала разглядывать мое лицо, хмурилась, улыбалась... Я не выдержал и проворно

поцеловал ее в щеку. Она вскочила и в один прыжок очутилась у входа палатки.

-- Ну, какая же ты дикарка!

Она молчала и не трогалась с места.

-- Подойди же ко мне...

-- Нет, господин, прощайте. До другого разу.

Гиршель опять выставил свою курчавую головку, сказал ей два слова; она нагнулась и ускользнула, как змея. Я выбежал из палатки вслед за нею, но не увидел ни ее, ни Гиршеля.

Целую ночь я не мог заснуть.

На другое утро мы сидели в палатке нашего ротмистра; я играл, но без охоты. Вошел мой денщик.

-- спрашивают вас, ваше благородие.

-- Кто меня спрашивает?

-- Жид спрашивает.

«Неужели Гиршель!» -- подумал я. Я дождался конца талии, встал и вышел. Действительно, я увидел Гиршеля.

-- Что,-- спросил он меня с приятной улыбкой,-- ваше благородие, довольны вы?

-- Ах ты!.. (Гут полковник оглянулся.) Кажется, нет дам... впрочем, все равно. Ах ты, мой любезный,-- отвечал я ему,-- да ты смеешься надо мной, что ли?

-- А что-с?

-- Как что-с? Еще ты спрашиваешь!

-- Ай, ай, господин офицер, какой же вы,-- проговорил Гиршель с укоризной, но не переставая улыбаться. Девушка молодая, скромная... Вы ее испугали, право испугали.

-- Хороша скромность! а деньги-то она зачем взяла?

-- А как же-с? Деньги дают-с, так как же не брать-с?

-- Послушай, Гиршель, пусть она придет опять, я тебя не обижу... только ты, пожалуйста, своей глупой рожой не показывай у меня в палатке и оставь нас в покое; слышишь?

У Гиршеля засверкали глазки.

-- А что? нравится вам?

-- Ну, да.

-- Красавица! такой нет красавицы нигде. А денег мне теперь пожалуете?

-- Возьми, только слушай: уговор лучше денег. Приведи ее, да убирайся к черту. Я ее сам провожу домой.

-- А нельзя, нельзя, никак нельзя-с,-- торопливо возразил жид. Ай, ай, никак нельзя-с. Я, пожалуй, буду ходить около палатки, ваше благородие; я, я, ваше благородие, отойду, пожалуй, немножко... я, ваше благородие, готов вам служить, я, пожалуй, отойду... что ж? я отойду.

-- Ну, смотри же... Да приведи ее, слышишь?

-- А ведь красавица? господин офицер, а? ваше благородие? красавица? а?

Гиршель нагибался и заглядывал мне. в глаза.

-- Хороша.

-- Ну, так дайте же мне еще червончик...

Я бросил ему червонец; мы разошлись.

День минул наконец. Настала ночь. Я долго сидел один в своей палатке. На дворе было неясно. В городе пробило два часа. Я начинал уже ругать жида... вдруг вошла Сара, одна. Я вскочил, обнял ее... прикоснулся губами до ее лица... Оно было холодно как лед. Я едва мог различить ее черты... Я усадил ее, стал перед ней на колени, брал ее руки, касался ее стана... Она молчала, не шевелилась и вдруг громко, судорожно зарыдала. Я напрасно старался успокоить, уговорить ее... Она плакала навзрыд... Я ласкал ее, утирая ее слезы; она по-прежнему не противилась, не отвечала на мои расспросы и плакала, плакала в три ручья. Сердце во мне перевернулось; я встал и вышел из палатки.

Гиршель точно из земли передо мною вынырнул.

-- Гиршель,-- сказал я ему,-- вот тебе обещанные деньги. Уведи Сару.

Жид тотчас бросился к ней. Она перестала плакать и ухватилась за него.

-- Прощай, Сара,-- сказал я ей. Бог с тобой, прощай. Когда-нибудь увидимся, в другое время.

Гиршель молчал и кланялся. Сара нагнулась, взяла мою руку, прижала ее к губам; я отвернулся...

Дней пять или шесть, господа, я все думал о моей жидовке. Гиршель не являлся, и никто не видал его в лагере. По ночам спал я довольно плохо:



мне все мерещились черные влажные глаза, длинные ресницы; мои губы не могли забыть прикосновения щеки, гладкой и свежей, как кожица сливы. Послали меня со взводом на фуражировку в отдаленную деревеньку. Пока мои солдаты шарили по домам, я остался на улице и не слезал с коня. Вдруг кто-то схватил меня за ногу...

-- Боже мой, Сара!

Она была бледна и взволнована.

-- Господин офицер, господин... помогите, спасите: солдаты нас обижают... Господин офицер... Она узнала меня и вспыхнула.

-- А разве ты здесь живешь?

-- Здесь.

-- Где?

Сара указала мне на маленький старенький домик. Я дал лошади шпоры и поскакал. На дворе домика безобразная, растрепанная жидовка старалась вырвать из рук моего длинного вахмистра Снявки три курицы и утку. Он поднимал свою добычу выше головы и смеялся; курицы кудахтали, утка крикала... Другие два кирасира выючили лошадей своих сеном, соломой, мучными кулями. В самом доме слышались малороссийские восклицания и ругательства... Я крикнул на своих и приказал им оставить жидов в покое, ничего не брать у них. Солдаты повиновались; вахмистр сел на свою гнедую кобылу Прозершину, или, как он называл ее, «Прожерпылу», и выехал за мной на улицу.

-- Ну что,-- сказал я Саре,-- довольна ты мной?

Она с улыбкой посмотрела на меня.

-- Где ты пропадала все это время?

Она опустила глаза.

-- Я к вам завтра приду.

-- Вечером?

-- Нет, господин, утром.

-- Смотри же, не обмани меня.

-- Нет... нет, не обману.

Я жадно глядел на нее. Днем она показалась мне еще прекраснее. Я помню, меня в особенности поразили янтарный, матовый цвет ее лица и синеватый отлив ее черных волос... Я нагнулся с лошади и крепко стиснул ее маленькую руку.

-- Прощай, Сара... смотри, приходи же.

-- Приду.

Она пошла домой; я приказал вахмистру догнать меня с командой -- и поскакал.

На другой день я встал очень рано, оделся и вышел из палатки. Утро было чудесное; солнце только что подымалось, и на каждой былинке сверкал влажный багрянец. Я взошел на высокий бруствер и сел на краю амбразуры. Подо мной толстая чугунная пушка выставила в поле свое черное жерло. Я рассеянно смотрел во все стороны... и вдруг увидел шагах во ста скорченную фигуру в сером кафтане. Я узнал Гиршеля. Он долго стоял неподвижно на одном месте, потом вдруг отбежал немного в сторону, торопливо и боязливо оглянулся... крикнул, присел, осторожно вытянул шею и опять начал оглядываться и прислушиваться. Я очень ясно видел все его движенья. Он запустил руку за пазуху, достал клочок бумажки, карандаш и начал писать или чертить что-то. Гиршель беспрестанно останавливался, вздрагивал, как заяц, внимательно рассматривал окрестность и как будто срисовывал наш лагерь. Он не раз прятал свою бумажку, щурил глаза, нюхал воздух и снова принимался за работу. Наконец жид присел на траву, снял башмак, задохнул туда бумажку; но не успел он еще выпрямиться, как вдруг, шагах в десяти от него, из-за ската гласиса показалась усастая голова вахмистра Сиявки и понемногу приподнялось от земли все длинное и неуклюжее его тело. Жид стоял к нему спиной. Сиявка проворно подошел к нему и положил ему на плечо свою тяжелую лапу. Гиршеля скорчило. Он затрясся, как лист, и испустил болезненный, заячий крик. Сиявка грозно заговорил с ним и схватил его за ворот. Я не мог слышать их разговора, но по отчаянным телодвижениям жида, по его умоляющему виду начал догадываться, в чем дело. Жид раза два бросался к ногам вахмистра, запустил руку в карман, вытащил разорванный клетчатый платок, развязал узел, достал червонец... Сиявка с важностью принял подарок, но не переставал тащить жида за ворот. Гиршель рванулся и бросился в сторону; вахмистр пустился за ним в погоню. Жид бежал чрезвычайно проворно; его ноги, обутые в синие чулки, мелькали действительно весьма быстро; но Сиявка после двух или трех «угоноу» поймал присевшего жида, поднял и понес его на руках -- прямо в лагерь. Я встал и пошел к нему навстречу.

-- А! ваше благородие!-- закричал Сиявка,-- лазутчика несу вам, лазутчика!-- Пот градом катился с дюжего малоросса. Да перестань же вертеться, чертов жид! да ну же... экой ты! не то придаваю, смотри!

Несчастный Гиршель слабо упирался локтями в грудь Силявки, слабо болтал ногами... Глаза его судорожно закатывались...

-- Что такое? -- спросил я Силявку.

-- А вот что, ваше благородие: извольте-ка снять с его правой ноги башмак, мне неловко. Он все еще держал жида на руках.

Я снял башмак, достал тщательно сложенную бумажку, развернул ее и увидел подробный рисунок нашего лагеря. На полях стояло множество заметок, писанных мелким почерком на жидовском языке.

Между тем Силявка поставил Гиршеля на ноги. Жид раскрыл глаза, увидел меня и бросился передо мной на колени.

Я молча показал ему бумажку.

-- Это что?

-- Это -- так, господин офицер. Это я так. Так...-- Голос его перервался.

-- Ты лазутчик?

Он не понимал меня, бормотал несвязные слова, трепетно прикасался моих колен...

-- Ты шпион?

-- Ай! -- крикнул он слабо и потряс головой. Как можно? Я -- никогда; я совсем нет. Не можно; не есть возможно. Я готов. Я -- сейчас. Я дам денег... Я заплачу,-- прошептал он и закрыл глаза.

Ермолка сдвинулась у него на затылок; рыжие, мокрые от холодного поту волосы повисли клоچьями, губы посинели и судорожно кривились, брови болезненно сжались, щеки ввалились...

Солдаты нас обступили. Я сперва хотел было пугнуть порядком Гиршеля да приказать Силявке молчать, но теперь дело стало гласно и не могло миновать «сведения начальства».

-- Веди его к генералу,-- сказал я вахмистру.

-- Господин офицер, ваше благородие! -- закричал отчаянным голосом жид,-- я не виноват; не виноват... Прикажите выпустить меня, прикажите...

-- А вот его превосходительство разберет,-- проговорил Силявка.-- Пойдем.

-- Ваше благородие! -- закричал мне жид вслед,-- прикажите! помилуйте!

Крик его терзал меня. Я удвоил шаги.

Генерал наш был человек немецкого происхождения, честный и добрый, но строгий исполнитель правил службы. Я вошел в небольшой, наскоро выстроенный его домик и в немногих словах объяснил ему причину моего посещения. Я знал всю строгость военных постановлений и потому не произнес даже слова «лазутчик», а постарался представить все дело ничтожным и не стоящим внимания. Но, к несчастью Гиршеля, генерал исполнение долга ставил выше сострадания.

-- Вы, молодой человек,-- сказал он мне,-- суть неопытный. Вы в воинском деле еще неопытны суть. Дело, о котором (генерал весьма любил слово: который) вы мае рапортовали, есть важное, весьма важное... А где же этот человек, который взят был? тот еврей? где же тот?

Я вышел из палатки и приказал ввести жида.

Ввели жида. Несчастный едва стоял на ногах.

-- Да,-- промолвил генерал, обратясь ко мне,-- а где же план, который найден на сем человеке?

Я вручил ему бумажку. Генерал развернул ее, отодвинулся назад, прищурил глаза, нахмурил брови.

-- Это уд-див-вит-тельно...-- проговорил он с расстановкой.-- Кто его арестовал?

-- Я, ваше превосходительство! -- резко брякнул Силавка.

-- А! хорошо! хорошо!.. Ну, любезный мой, что ты скажешь в своем оправданье?

-- Ва... ва... ваше превосходительство,-- пролепетал Гиршель,-- я... помилуйте... ваше превосходительство... не виноват... спросите, ваше превосходительство, господина офицера..., Я фактор, ваше превосходительство, честный фактор.

-- Его следует допросить,-- проговорил генерал вполголоса, важно качнув головой. Ну, как же ты это, братец?

-- Не виноват, ваше превосходительство, не виноват.

-- Однако же это есть невероятно. Ты, как по-русски говорится, подлом взят, то есть на самих делах!

-- Позвольте сказать, ваше превосходительство: я не виноват.

-- Ты рисовал план? ты есть шпион неприятельский?

-- Не я! -- крикнул внезапно Гиршель,-- не я, ваше превосходительство!

Генерал посмотрел на Силавку.

-- Да врет же он, ваше превосходительство. Господин офицер сам из его башмака грамоту достал.

Генерал посмотрел на меня. Я принужден был кивнуть головой.

-- Ты, любезный мой, есть неприятельский лазутчик... любезный мой...

-- Не я... не я...-- шептал растерявшийся жид.

-- Ты уже доставлял сему подобные сведения и прежде неприятелю? Признавайся...

-- Как можно!

-- Ты, любезный мой, меня не будешь обманывать. Ты лазутчик?

Жид закрыл глаза, тряхнул головой и поднял полы своего кафтана.

-- Повесить его,-- проговорил выразительно генерал после некоторого молчания,-- сообразно законов. Где господин Феодор Шликельман?

Побежали за Шликельманом, генеральским адъютантом. Гиршель позеленел, раскрыл рот, выпучил глаза. Явился адъютант. Генерал отдал ему надлежащие приказания. Писарь показал на миг свое тощее рябое лицо. Два-три офицера с любопытством заглянули в комнату,

-- Сжальтесь, ваше превосходительство,-- сказал, я генералу по-немецки, как умел,-- отпустите его...

-- Вы, молодой человек,-- отвечал он мне по-русски,-- я вам сказывал, неопытны, и посему прошу вас молчать и меня более не утруждать.

Гиршель с криком повалился в ноги генералу.

-- Ваше превосходительство, помилуйте, не буду вперед, не буду, ваше превосходительство, жена у меня есть... ваше превосходительство, дочь есть... помилуйте...

-- Что сделать!

-- Виноват, ваше превосходительство, точно естем виноват... в первый раз, ваше превосходительство, в первый раз, поверьте!

-- Других бумаг не доставлял?

-- В первый раз, ваше превосходительство... жена... дети... помилуйте...

-- Но ты есть шпион.

-- Жена... ваше превосходительство... дети...

Генерала покорило, но делать было нечего.

-- Сообразно законов, повесить еврея,-- проговорил он протяжно и с видом человека, принужденного скрепя сердце принести свои лучшие

чувства в жертву неумолимому долгу,-- повесить! Феодор Карлыч, прошу вас о сем происшествии написать рапорт, который...

В Гиршеле вдруг произошла страшная перемена. Вместо обыкновенного, жидовской натуре свойственного, тревожного испуга на лице его изобразилась страшная, предсмертная тоска. Он заметался, как пойманный зверек, разинул рот, глухо захрипел, даже запрыгал на месте, судорожно размахивая локтями. Он был в одном башмаке; другой позабыли надеть ему на ногу... кафтан его распахнулся... ермолка свалилась...

Все мы вздрогнули; генерал замолчал.

-- Ваше превосходительство,-- начал я опять,-- простите этого несчастного.

-- Нельзя. Закон повелевает,-- возразил генерал отрывисто и не без волнения,-- другим в пример.

-- Ради бога...

-- Господин корнет, извольте отправиться на свой пост,-- сказал генерал и повелительно указал мне рукою на дверь.

Я поклонился и вышел. Но так как у меня, собственно, поста не было нигде, то я и остановился в недалеком расстоянии от генеральского домика.

Минуты через две явился Гиршель в сопровождении Силявки и трех солдат. Бедный жид был в оцепенении и едва переступал ногами. Силявка прошел мимо меня в лагерь и скоро вернулся с веревкой в руках. На грубом, но не злом его лице изображалось странное, ожесточенное сострадание. При виде веревки жид замахаля руками, присел и зарыдал. Солдаты молча стояли около него и утрюмо смотрели в землю. Я приблизился к Гиршелю, заговорил с ним; он рыдал как ребенок и даже не посмотрел на меня. Я махнула рукой, ушел к себе, бросился на ковер -- и закрыл глаза...

Вдруг кто-то торопливо и шумно вбежал в мою палатку. Я поднял голову -- и увидел Сару; на ней лица не было. Она бросилась ко мне и схватила меня за руки.

-- Пойдем, пойдем, пойдем,-- твердила она задыхающимся голосом.

-- Куда? зачем? останемся здесь.

-- К отцу, к отцу, скорее... спаси его... спаси!

-- К какому отцу?..

-- К моему отцу; его хотят вешать...

-- Как! Разве Гиршель...

-- Мой отец... я тебе все растолкую потом,-- прибавила она, отчаянно ломая руки,-- только пойдём... пойдём...

Мы выбежали вон из палатки. В поле, на дороге к одинокой березе, виднелась группа солдат... Сара молча указала на нее пальцем...

-- Стой,-- сказал я вдруг,-- куда же мы бежим? Солдаты меня не послушаются.

Сара продолжала тащить меня за собой... Признаюсь, у меня голова закружилась.

-- Да послушай, Сара,-- сказал я ей,-- что толку туда бежать? Лучше я пойду опять к генералу; пойдём вместе; авось мы упросим его.

Сара вдруг остановилась и как безумная посмотрела на меня.

-- Пойми меня, Сара, ради бога. Я твоего отца помиловать не могу, а генерал может. Пойдём к нему.

-- Да его пока повесят,-- простонала она...

Я оглянулся. Писарь стоял недалеко.

-- Иванов,-- крикнул я ему,-- сбегай, пожалуйста, туда к ним: прикажи им подождать, скажи, что я пошел просить генерала.

-- Слушаю-с...

Иванов побежал.

Нас к генералу не пустили. Напрасно, я просил, убеждал, наконец даже бранился... напрасно бедная Сара рвала волосы и бросалась на часовых: нас не пустили.

Сара дико посмотрела кругом, схватила обеими руками себя за голову и побежала стремглав в поле, к отцу. Я за ней. На нас глядели с недоумением...

Мы подбежали к солдатам. Они стали в кружок и, представьте, господа! смеялись, смеялись над бедным Гиршелем! Я вспыхнул и крикнул на них. Жид увидел нас и кинулся на шею дочери. Сара судорожно схватилась за него.

Бедняк вообразил, что его простили... Он начинал уже благодарить меня... я отвернулся.

-- Ваше благородие,-- закричал он и стиснул руки. Я не прощен?

Я молчал.

-- Нет?

-- Нет.

-- Ваше благородие,-- забормотал он,-- посмотрите, ваше благородие, посмотрите... ведь вот она, эта девица -- знаете, она дочь моя.

-- Знаю,-- отвечал я и опять отвернулся.

-- Ваше благородие,-- закричал он,-- я не отходил от палатки! Я ни за что...-- Он остановился и закрыл на мгновение глаза...-- Я хотел ваших денежек, ваше благородие, нужно сознаться, денежек... но я ни за что...

Я молчал. Гиршель был мне гадок, да и она, его сообщница...

-- Но теперь, если вы меня спасете,-- проговорил жид шепотом,-- я прикажу -- я... понимаете?... все... я уж на все пойду...

Он дрожал как лист и торопливо оглядывался. Сара молча и страстно обнимала его.

К нам подошел адъютант.

-- Господин корнет,-- сказал он мне,-- его превосходительство приказал арестовать вас. А вы...-- Он молча указал солдатам на жида...-- сейчас его...

Силявка подошел к жиду.

-- Федор Карлыч,-- сказал я адъютанту (с ним пришло человек пять солдат),-- прикажите по крайней мере унести эту бедную девушку...

-- Разумеется. Согласен-с.

Несчастная едва дышала. Гиршель бормотал ей на ухо по-жидовски...

Солдаты с трудом высвободили Сару из отцовских объятий и бережно отнесли ее шагов на двадцать. Но вдруг она вырвалась у них из рук и бросилась к Гиршелю... Силявка остановил ее. Сара оттолкнула его, лицо ее покрылось легкой краской, глаза засверкали, она протянула руки.

-- Так будьте же вы прокляты,-- закричала она по-немецки,-- прокляты, трижды прокляты, вы и весь ненавистный род ваш, проклятием Дафана и Авирона, проклятием бедности, бесплодия и насильственной, позорной смерти! Пускай же земля раскроется под вашими ногами, безбожники, безжалостные, кровожадные псы...

Голова ее закинулась назад... она упала на землю... Ее подняли и унесли.

Солдаты взяли Гиршеля под руки. Я тогда понял, почему смеялись они над жидом, когда я с Сарой прибежал из лагеря. Он был действительно смешон, несмотря на весь ужас его положения. Мучительная тоска разлуки с жизнью, дочерью, семейством выражалась у несчастного жида такими странными, уродливыми телодвижениями, криками, прыжками, что мы



все улыбались невольно, хотя и жутко, страшно жутко было нам. Бедняк замирал от страха...

-- Ой, ой, ой! -- кричал он,-- ой... стойте! я расскажу, много расскажу. Господин унтер-вахмистр, вы меня знаете. Я фактор, честный фактор. Не хватайте меня; постойте еще минутку, минуточку, маленькую минуточку постойте! Пустите меня: я бедный еврей, Сара... где Сара? О, я знаю! она у господина квартир-поручика (бог знает, почему он меня пожаловал в такой небывалый чин). Господин квартир-поручик! Я не отхожу от палатки. (Солдаты взялись было за Гиршеля... он оглушительно взвизгнул и выскользнул у них из рук.) Ваше превосходительство, помилуйте несчастного отца семейства! Я дам десять червонцев, пятнадцать дам, ваше превосходительство!.. (Его потащили к березе.) Пощадите! змилуйтесь! господин квартир-поручик! сиятельство ваше! господин обер-генерал и главный шеф!

На жида недели петляю... Я закрыл глаза и бросился бежать.

Я просидел две недели под арестом. Мне говорили, что вдова несчастного Гиршеля приходила за платьем покойного. Генерал велел ей выдать сто рублей. Сару я более не видал. Я был ранен; меня отправили в госпиталь, и когда я выздоровел, Данциг уже сдался,-- и я догнал свой полк на берегах Рейна.

## Referências

TURGUÊNIEV, Ivan Serguêievitch. “Jid”. In: *Sobranie sotchinienii v dessiati tomakh (tom piatii)*. Moskva: Khudojestvienaia Literatura. 1977.

*The jew and the Other Stories*. Trad. Constance Garnett. CreateSpace, 2014.

## Dicionários

AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa (em 5 volumes)*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1968.

ALEKSANDROVNA, Zinaida. *Slovar sinonimov russkovo iazyka*. 2. ed. Moskva: Sovietskaia Entsiklopedia, 1969. 600 p.

FELTSYNA, Vera Petrovna. *Russkie frazeologizmy: lingvostranovedcheskii slovar*. Moskva: Russki Yazyk, 1990. 221 p.

OXFORD *Russian Dictionary*. 4. ed. Oxford: Oxford University Press, 2007.

VOINOVA, N. *Dicionário russo – português*. 2. ed. Moscovo: Edições Russki Yazik, 1989.